



Antônio Carlos Corrêa e Avelino Corrêa: ofício transmitido de pai para filho

## A família que controla a ponte do Guaíba

A ponte erguida em 1958 se tornou um símbolo da cidade e de sua orla. Até aquele período, quem quisesse chegar à margem oposta precisava tomar uma das barcas do Departamento Autônomo de Estradas e Rodagens (Daer) que partiam da Vila Assunção, na Zona Sul, e chegavam ao município de Guaíba 20 minutos depois. Todos os dias, mais de mil pessoas e 600 veículos cumpriam essa viagem.

Hoje, passam cerca de 50 mil veículos sobre a ponte, e, por ano, mais de 400 embarcações sob a estrutura. Há mais de meio século, a mesma família responde pela operação do vão móvel de 58 metros e 400 toneladas que permite alternar a circulação de automóveis e navios. O funcionário da concessionária Concepa Antônio Carlos Corrêa, 47 anos, seguiu a profissão do pai, Avelino Corrêa, 85, no comando da mesa que faz subir e descer o miolo da ponte.

– Eu vinha visitar o pai no trabalho, ainda criança. Pedia para trazer colegas da escola para conhecer a sala de operações. Hoje, é gratificante poder continuar o serviço que foi dele – conta o filho.

O pai ajudou a construir a travessia sobre o Guaíba e, por cerca

### Íçamentos por ano

2015	437
2016	434
2017	373
2018	87*

\*Até março

### Passagem de embarcações

Projetado em 1957	100
2017	415

Fonte: Concepa

### Navios atracados no Cais Navegantes\*

2015	139
2016	169
2017	182

\*Não cruzam a ponte  
Fonte: Superintendência do Porto de Rio Grande

de quatro décadas, controlou o vão móvel de uma pequena sala envidraçada incrustada em um dos pilares – de onde se tem uma das melhores vistas da Capital.

– Não tinha casa, não tinha nada disso aqui – relembra o aposentado, olhando para a orla rodeada por avenidas, casas e prédios.

Dali avista-se o único trecho operacional do porto, o Cais Navegantes, por onde circula 1 milhão de toneladas de produtos por ano.



Kako e Pacheco à bordo do Sabiá (barco cujo nome faz referência a um apelido do veterano apaixonado pela navegação)



No Belém Novo, fica um raro ponto de pesca na orla. Mas os pescadores navegam duas horas e meia até alcançar águas minimamente limpas

## José Motta capina à espera do novo cais

Localizado ao lado do Cais Navegantes, o Cais Mauá deixou de funcionar como porto para se transformar em ponto de lazer. Depois de três décadas de tentativas naufragadas para convertê-lo em lugar de convívio, em março tiveram início obras para recuperar os 11 armazéns tombados e implantar 10 praças em 3,2 quilômetros na área central da cidade.

No momento, está no final a primeira fase da revitalização. Essa etapa inclui a limpeza, com a retirada de eventuais materiais contaminantes e a instalação de uma cerca para separar os locais de trabalho de uma faixa destinada à circulação de pessoas e veículos. Em breve, terá início a reforma dos pavilhões.

Nos últimos seis anos, um funcionário foi o responsável por manter a área limpa e organizada. De forma paciente e solitária, o auxiliar de serviços gerais José Taborda Motta, 55 anos, capina tufo de grama que brotam entre as pedras do cais e cuida para que nada se acumule no espaço onde a obra deverá ganhar ritmo nas próximas semanas.



Motta foi o funcionário responsável pela limpeza cotidiana da área portuária

### Números da obra

- ▶ 3,2 quilômetros de revitalização, em três fases
- ▶ Dois anos de duração das obras em cada fase
- ▶ Investimento total previsto de R\$ 750 milhões

Fonte: Cais Mauá

– Com esse tempo, sol numa hora, chuva na outra, o mato cresce muito rápido – conta Motta.

Ele é o funcionário que atua há mais tempo na área dos armazéns desativados. Com a mania de quem gosta de ver tudo limpo,

afirma que se chateou com a situação do Guaíba quando levou a mulher para um passeio de barco. – A paisagem é muito bonita, mas é uma pena que a água esteja tão poluída – afirma.

O projeto do cais, um anseio cogitado desde o começo da década de 1990, tramitou ao longo de sete anos até obter aprovação da prefeitura. Recebeu críticas por razões como a previsão de um shopping junto ao Gasômetro e de torres comerciais na extremidade oposta. Os empreendedores informam que o shopping deverá ser um centro comercial a céu aberto.

## Os navegadores e suas histórias

Pelo Guaíba não circulam apenas navios carregados de fertilizantes ou cevada. Entre o Cristal e a Tristeza, os três principais clubes náuticos da região registram nada menos do que 1,2 mil embarcações de pequeno e médio portes que singram pelo Guaíba levando esportistas e amantes da navegação como o músico Kako Pacheco, 54 anos, e seu pai, o veterinário Paulo Pacheco, o Pacheco, 88.

Pacheco ama andar de barco, mas também ama contar histórias. Quer falar sobre futebol? Ex-lateral do antigo Força e Luz, ele

vai te falar sobre quando enfrentou uma seleção de veteranos do Uruguai que incluía vencedores da Copa de 1950. Se puxar papo sobre navegação, vai narrar, dando risada, o episódio em que caiu de uma embarcação, no meio de uma noite sem lua, sem ninguém ver, e ficou boiando na Lagoa dos Patos à espera de um milagre.

Pacheco tinha 80 anos quando perdeu o equilíbrio e tombou. Kako só se deu conta de que o pai não estava a bordo vários minutos depois: – Antes de ir atrás de ajuda, já que era noite e ninguém faria bus-

cas até de manhã, calculei o caminho que tínhamos feito e voltei.

De colete salva-vidas, Pacheco garante que se manteve calmo como o Guaíba em um dia sem vento.

– Como sou cancheiro, guardei a garganta para berrar só quando tivesse chance de alguém me ver – relembra o veterano, que foi resgatado uma hora depois da queda.

Kako realiza o projeto social GaDuKa Aventuras, pelo qual leva crianças e idosos para navegar gratuitamente, e pretende lançar um novo circuito que inclui Ponta do Arado (no Sul), Cais Mauá e ilhas.